

---

## A ROMANTIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

---

### NA REVISTA NOVA ESCOLA\*

---

DOI 10.18224/frag.v28i2.6299

LÚCIO ALVES DE BARROS\*\*  
CAIO CÉSAR SOUSA MARÇAL\*\*\*

*Resumo: a discussão sobre “mídia, educação e violência”, inegavelmente, compartilha das mutações que se passa nas escolas. A apreciação das representações da Revista Nova Escola opera no sentido de verificação empírica do que os “formadores de opinião” têm compreendido como “violências”. O artigo tem interesse de compreender quais são as representações que o esse meio de comunicação constrói acerca da “violência e educação”. A pesquisa, de conteúdo qualitativo, é baseado nos números da revista publicados durante os anos de 2013, 2014 e 2015 e teve objetivo analisar as reportagens, notícias, editoriais, artigos e entrevistas, bem como verificar as representações sobre a violência e da educação. O interesse maior foi de identificar as falas do periódico que atinge boa parte das professoras e dos professores que atuam na educação básica, principalmente nas escolas do ensino básico e mostra que a abordagem da revista reduz a problemática das violências às relações manifestas, abordando a violência a partir de uma ótica romantizada.*

Palavras-chave: *Mídia. Violência. Educação. Revista Nova Escola.*

**A**dorno (1954) dizia que não dava alguns passos fora do trabalho sem encontrar um meio de comunicação que não fizesse parte da denominada “indústria cultural”. O autor certamente se surpreenderia diante das formas mais sofisticadas de comunicação que se encontram hoje através dos computadores, tablets, telefones, etc. O meio de comunicação que balizou o autor em suas análises foi a TV. Chegou-se

---

\* Recebido em: 23.03.2018. Aprovado em: 13.08.2018.

\*\* Doutor em Ciências Humanas: Sociologia e Política (UFMG). Mestre em Sociologia (UFMG). Graduado em Ciências Sociais (UFJF). Professor efetivo da Faculdade de Educação (UEMG).  
*E-mail:* luciobarros460@gmail.com

\*\*\* Mestre em Sociologia (UFMG). Especialista em Psicopedagogia e Supervisão Escolar (Universidade Cândido Mendes). Graduado em Pedagogia (UEMG) e em Teologia pelo Centro Universitário Izabela Hendrix.  
*E-mail:* caioabu@gmail.com

ao cúmulo de incorporá-la como utensílio “não supérfluo” da casa, companheira e uma entidade com capacidade de interação e comunicação social. Este é o caso de quando nos pegamos respondendo ao “boa noite” do jornal diário ou lamentando as cenas que virão somente no próximo capítulo. A televisão, sem dúvida, é o grande empreendimento da sociedade da comunicação.

Associada à TV, temos o rádio, os jornais, os livros e as revistas. O primeiro, a despeito de suas singularidades interativas, não desapareceu no turbilhão da revolução da microeletrônica e da reestruturação produtiva porque passou a indústria dos bens duráveis de comunicação. De uma forma ou de outra o rádio encontrou o seu lugar e adaptado ao mercado ainda o percebemos nos automóveis, nos bares, nos eventos, centros de exposição, salas de espera e campos de futebol. Os jornais também seguiram o caminho da mudança. Vários deixaram muitas páginas pelo caminho, modificaram a publicidade, diminuíram espaços, contribuições, conteúdos e as páginas que compunham toda envergadura do que poderia se entender como uma “comunicação em organização”. Os jornais são exemplos das mudanças que vieram com a internet e muitos ainda estão se ajustando a esta nova linguagem de códigos e acontecimentos em tempo real.

No que diz respeito aos livros, dificilmente encontraremos pessoas que não possuem algum respeito pelas páginas reunidas em torno de um tema, do desenvolvimento de um enredo e sua conclusão. Todavia, os livros, tal como os jornais, também estão se ajustando às mudanças da “indústria cultural”, da microeletrônica, dos softwares e dos espaços. Encontramos muitos na internet, no “ciberespaço” ou em mecanismos eletrônicos que podem ser visualizados em vários lugares. Da mesma forma que outrora, emprestamos os livros, mas diferentemente de pouco tempo atrás, os enviamos por e-mail ou por uma rede social. Quanto ao espaço de reciprocidade e sociabilidade oferecida pelos livros, é sabido o debate sobre a diminuição dos números de bibliotecas e livrarias. Debate este que tem alimentado a discussão sobre o fim ou as mudanças do livro.

Por último, ressalta-se o caso das revistas. Tal como os jornais e os livros, elas também passaram por mutações. A indústria cultural não poupou nenhum meio de comunicação. As revistas, como possuem peculiaridades de produção se adaptaram da melhor maneira possível ao ciberespaço. Em geral, elas são semanais, mensais e anuais. Não é preciso muito para entender que a produção de uma revista temática ou variada não necessita dos mesmos cuidados e rápidas respostas como os jornais e a TV. A revista em sua virtualidade dialoga com o leitor. Suas letras e imagens não palpáveis estão em *bytes* digitais e o assinante pode interagir quando nesta se encontra o som e os movimentos de personagens que dialogam com outros meios. Diferentemente dos jornais sua atualização sofre com a pauta e com a escassez de notícias ou temáticas conforme a organização da equipe editorial. De todo modo, as revistas ainda se encontram entre nós. Elas também resistem às mudanças do tempo e às modificações estruturais do vento do mundo virtual. A peculiaridade da revista garante certa autonomia e vitalidade comercial. Os assinantes ainda insistem na cultura do recebimento semanal do exemplar dominical e ainda é perceptível grande resistência entre muitos acerca da leitura em computadores, tabletes e celulares. Talvez resida em tais quesitos a sobrevida de muitas revistas nos dias de hoje. Este é o caso, por exemplo, de revistas já consagradas e que possuem um grande apelo comercial como as Revistas Veja e a IstoÉ. Também é o caso, com pequenas modificações, da Revista *Nova Escola*, objeto de nossa pesquisa, que, como se sabe, é direcionada aos profissionais da educação, notadamente os que atuam no ensino fundamental e médio.

O trabalho consistiu nos aspectos da abordagem da violência na Revista *Nova Escola*, fenômeno esse que aflige o ambiente escolar e perturba o corpo docente. Para tanto, pesquisou-se as publicações entre os anos de 2013 e 2015. A pesquisa em questão anseia compreender as relações entre mídia, educação e violência, e contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

## MÍDIA, CULTURA DE MASSA E INDÚSTRIA CULTURAL

Para melhor compreender a relação entre a Revista *Nova Escola* e o modo como ela trata o tema da violência, é preciso afirmar que no debate em apreço, é difícil negar as evidências de que os meios de comunicação possuem grande poder de ressonância dos casos de violência na sociedade. Guareschi (1993) que os meios de comunicação exercem um poder relevante ao ponto de esse ser o mais poderoso em relação aos outros. Tal declaração não é nada duvidosa, como fica evidenciado o papel que a mídia exerce nas crescentes mudanças, especialmente com o auxílio das novas tecnologias (MORAES, 2006; SODRÉ, 2002).

No presente debate, é visível que os meios de comunicação inquiram as como o tema da violência é tratado na mídia especializada para os espaços educacionais. O debate sobre “violência e educação” cada vez ganha maior interesse, especialmente por incidir nas relações vivenciadas no ambiente escolar. A violência, assim como o crime, são fatos, elementos “normais” que acontecem e são presentes em todas as sociedades, como explicitam Durkheim (1990; 1995) e Velho (2000). Contudo, quando esse fenômeno se torna um espetáculo sensacionalista e banal, há, evidentemente, um problema gravoso. Mais que isso, os meios de comunicação operam em uma cobertura na qual a violência e a educação têm por conteúdo e pretexto a informação e a formação de consensos contrários ao que se entende por violências. Moraes (2006) assevera que o discurso da mídia traz consigo condutas, episódios e fatos que se adaptam com facilidade categoria “violência”, abandonando os campos nos quais as relações são de conflitos, resistências e estranhamentos que fogem ao conceito polissêmico da violência. Assim, em meio a cultura de massa, os meios de comunicação são cúmplices com o tipo de jornalismo construído em situações de excepcionalidade e que subvertem e pervertem a noção da realidade social em que está inserida.

Esta comunicação em massa, redutora de uma cultura de massa, de uma exploração em massa, de banalização em massa, revela diversas roupagens, várias vezes denominada de cultura (civilização) do espetáculo (VARGAS LIOSA, 2013), sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), sociedade midiaticizada ou sociedade informatizada. O fato comum é que em uma “sociedade globalizada” “a informação e o conhecimento são os insumos principais de uma ordem produtiva altamente tecnologizada se convertendo em valor cultural por excelência” (SODRÉ, 2012, p. 24, 25). Esta é a contribuição de Sodré (2012) que em sua abordagem acerca da comunicação em uma sociedade da barbárie afirma que “a barbárie ocorre quando sujeito e objeto existem na medida em que são comerciáveis, monitorizáveis. O mercado transforma tudo em mercadoria. O sistema econômico, por intermédio do mercado, faz da sociedade humana o seu acessório” (SODRÉ, 1992, p. 32). O enfoque marxiano do autor não deixa de ser instigante, pois a comunicação de massa se assenta especialmente na ideia de que o “universal” se apoia “no particularismo de

uma tradição cultural europeia, geradora de uma visão de mundo reducionista” (SODRÉ, 1992, p. 33). Esta conjuntura etnocêntrica não é nova, ela apenas se modifica ao sabor dos avanços tecnológicos intensificando o crescimento das desigualdades e confundindo o espaço publicitário em espaço público. O mercado neste caminho se apodera de significados hegemônicos diminuindo as diferenças em prol de uma pseudoliberalidade. O “compre ou morra” ganha paradoxalmente mais vida (SODRÉ, 1992). O consumidor potente participa do espetáculo e o cidadão na plateia se encontra à espera da bola da vez de acordo com seu poder aquisitivo e de relacionamento social.

Todavia, tal como afirma Sodré (2002, p. 62-3), “a euforia tecnomercadológica por parte de estratos privilegiados da sociedade faz parte de uma estratégia autolegitimadora, sustentada por discursos acrílicos”. O mesmo parece sugerir Vargas Llosa (2013) ao denunciar a banalização da cultura em nome do consumo e do aparecimento.

O periódico aqui pesquisado nesse trabalho tem um alvo muito específico: educadores e gestores de escolas do ensino fundamental, tendo um papel importante na construção de imagens criadas a partir das abordagens em relação a inúmeros temas que circundam o ambiente educacional brasileiro. Este meio de comunicação não foge do debate exposto acima.

### *NOVA ESCOLA: SUA PROPOSTA E ESTRUTURA*

A Revista *Nova Escola* afirma que seu objetivo é o de “valorizar e qualificar o professor da Educação Básica em todo o Brasil” e, neste caminho se esforça por apresentar realidades das mais diversas possíveis, desde as relações entre alunos, entre alunos e professores, entre professores e em relação à comunidade. Na realidade, é uma revista que visa atender às demandas provenientes das instituições escolares, tendo como pano de fundo ressaltar não somente as mazelas e os problemas porque passa a educação no país, mas também os casos de sucesso, experiências que deram certo, as possibilidades do fazer educativo e a disseminação de uma educação voltadas para o público em geral e que, nas escolas brasileiras, necessitam de reflexão, preparo e discussão dos problemas mais comuns aos complexos.

A Revista *Nova Escola* tem como principal fonte as reportagens que fazem parte do dia a dia das escolas, bem como relatos de professores, experiências “pedagógicas”, entrevistas com “personalidades”, artigos e dicas de especialistas. Em contundente crítica, Santos (2009) assevera que a revista em apreço tem um “posicionamento voltado a atender o imediatismo do professor em exercício: do educador que se formou há algum tempo e daquele que já saiu dos bancos acadêmicos, que está efetivamente na prática, no exercício do magistério”. Na realidade, é mais que isso, a revista atende ao público mencionado, mas é óbvio que ela aparece em outros tantos locais de difícil mensuração e, tal como diz Sodré (1992), certa irradiação sobre uma rede de sociabilidades que não se resume no cotidiano escolar. Não é nada difícil encontrar o periódico em muitas bibliotecas, seja tanto nas instituições públicas ou privadas. Também estão presentes em bibliotecas públicas municipais e em algumas organizações não governamentais que, por vezes, ganham o exemplar.

Fundado em 1986, o periódico aqui analisado tem sua circulação em todo território nacional. A revista é parte do patrimônio midiático, cultural e político dos “Civita”, grupo que comanda a Fundação Victor Civita, a qual tem como um dos seus sustentáculos a Editora Abril.

## DAS VIOLÊNCIAS

A categoria violência navega nesse cenário, dificilmente não presente nos debates hodiernos e de incontestável importância. Uma categoria que, de acordo com a realidade vigente, não raro sofre desvios, mal entendidos e incompreensões de toda ordem. É necessário, obviamente, defini-la, contextualizá-la e observá-la com cuidado, principalmente quando se corre o risco do erro e do exagero muito comum no senso comum.

Como conceito polissêmico a violência pode aparecer aqui e acolá, dependendo do observador ou mesmo das pessoas que a praticaram (o agressor) ou dos sujeitos que a sofreram (a vítima). Por este raciocínio já é possível verificar o *quantum* de equívocos e possibilidades que a temática comporta, pois o outro como problema antropológico aparece não somente como portador de minha diferença, mas como o proprietário do que se pode violentar, retirar o equilíbrio, a humanidade ou até à vida. De qualquer forma, a violência é ostensivamente empregada como conceito quando entendida como uma representação social, um fato social normal, de contorno heterogêneo, contextualizado e socialmente construído. Não por acaso que os estudiosos preocupados com a temática têm por preferência o uso do termo “violências”, o qual, no plural tem respondido um conjunto de relações que perpassam as relações de sociabilidade (BARROS; FREITAS, 2011).

Neste caminho é que Misse (2006) chamou a categoria violência de um “sujeito difuso”, cuja atenção se faz necessária, haja vista que dela fazem parte uma “miríade de eventos”, fatores, fatos, fenômenos e relações. Ao cair na armadilha da conjectura corre-se o risco de dar legitimidade e poder a um outro que utilizará o conceito em seu favor. Assim, “violência será tudo aquilo que não é legítimo, segundo esse mesmo poder vitorioso” (MISSE, 2006, p. 20). Certamente, aquele que tem o poder o usa e o exerce como bem o entende. Assim, Misse (2006, p. 20) destaca com propriedade que:

Eu não sou violento, esta palavra não me cabe, violento é sempre o outro. E quanto mais distante de mim for o outro, mas fácil fica acusá-lo. Violento não é apenas uma categoria descritiva; quando nós empregamos a expressão ‘violento’, violência, nós não estamos apenas descrevendo uma situação, nós estamos fazendo uma acusação social.

Neste caminho, não pode ser por acaso as representações que muitas instituições fazem da violência, tais como a família, a mídia, a religião ou a escola. A mídia, no caso em questão, é a uma das mais ativas na descrição, declaração e manifestação da existência potencial, onipresente e ostensiva da violência. Ela não difere relações, atores, personagens, coadjuvantes e protagonistas. Mais que isso, ela sequer contextualiza ou caracteriza a história ou a possibilidade de outras definições. Antes de tudo a mídia quer vender, mostrar e não esclarecer. Ela define, coloca determinados pingos em “is” não escritos corretamente nas relações sociais e oferece representações, significados e sentidos que o leitor, ouvinte, telespectador analisa da forma que lhe convém ou com seu estoque de conhecimento construído no mundo da *doxa*. É bom evidenciar ainda que a mídia trata de homogeneizar o que não é passível sequer de comparações e ainda trata de oferecer possibilidades de solução e saídas das mais variadas possíveis.

No caso da Revista *Nova Escola*, foram examinadas no ano de 2013, 10 revistas, sendo que duas delas comportavam dois números, a de janeiro/fevereiro e junho/julho. Em todas as revistas foram destacadas as reportagens, notícias, chamadas, notas, dados, informações, entre-

vistas e artigos que diziam respeito às violências. A análise seguinte foi a de verificar as categorias nas quais o material recolhido melhor se adequasse. Neste caminho foram delineadas quatro categorias de violências. As incivildades, a violência simbólica, a violência institucional e o *bullying*. As quatro categorias seguiram o debate acerca das violências que nas escolas recebem roupagens de diversas cores.

Inicialmente, enfatizamos o conceito de “incivilidade” que comporta uma série de ações como agressões que os educandos cometem uns contra os outros (muitos, inclusive, tendo professores como testemunha), vandalismo, danos a equipamentos, danificações às instalações escolares, frases insultuosas anotadas nas paredes da escola ou carteiras, por exemplo e danos a objetos pertencentes aos professores e colegas. As incivildades comportam também a violência verbal, ofensa, segregacionismo racial, desordem, zombaria e agressões (ABRAMOVAY *et al*, 2009; AMADO, 2000).

A violência simbólica, conceito baseado no trabalho de Bourdieu e Passeron (1970), que aponta que a cultura escolar reproduzia as relações de poder entre dominadores e dominados, indicou as ocorrências de violências determinadas pela dominação social, pela naturalização de relações de dor e brutalidade originários de imposições dos mais fortes, procedimentos e dificuldades passadas relacionadas a homofobia, por exemplo. É evidente que esses episódios diferem tanto entre os educandos e docentes quanto entre os próprios educadores e administração escolar. Porém, tais atos despontam não como “incivildades”, mas como uma “violência tênue” que diz respeito “ao que muitas vezes não é dito”, mas observado e acionado por um outro. Casos como o de assédio moral e sexual, ameaças entre professores e alunos e episódios de extorsão fazem parte desta categoria.

Nas situações onde o Estado foi omissivo, de crimes onde se operou de forma violenta e delitos de pequena monta, que comportou os casos de violência institucional. Da violência social, econômica e política que perpassa os atores sociais nas mais simples e complexas situações. Charlot (2002) cita como exemplo, os abusos que a escola ou um dos seus agentes causam contra os estudos. Trata-se de uma violência estrutural que carrega historicidade com início, maturação e desenvolvimento. Sodré (1992) a trata como violência também “invisível” ou como um “ato” ou “estado” de violência em latência ou em manifestação, bastando para isso que exista certa inoperância frequentemente ignorada, alimentada ou levada a efeito pelos poderes públicos instituídos.

Por último, destacamos o *bullying*, uma relação social entre iguais que se dá de forma intencional e de repetidas vezes. Nesta relação, necessariamente encontramos a vítima, o algoz (o valentão, o intimidador) e as testemunhas. A relação social que resulta em *bullying* abrange todo o espectro de atividades que tem por resultado o sofrimento físico ou mental aos indivíduos que se relacionam em ambiente escolar (MARTINS, 2005).

Tabela 1: Distribuição do número de chamadas sobre violência na Revista *Nova Escola* (Jan./Fev. 2013 - Dez./Jan.2014)

Categorias	Quantidades	%
Incivildades	35	40
Violência Simbólica	22	25
Violência institucional	20	23
Bullying	10	12
Total	87	100

Nota: tabela elaborada pelos autores.



A Tabela 1 descreve as categorias de acordo com as ocorrências nas revistas pesquisadas. O total do material pesquisado em todas as revistas de 2013 foi o de 87 casos. A maioria das temáticas acerca das violências (40%) diz respeito aos casos de “Incivilidades”. O tema violência simbólica aparece com 25% e a violência institucional com 23% e o *bullying* com 12% do total.

Tabela 2: Distribuição do número de chamadas sobre violência na Revista *Nova Escola* (Jan. Fev. 2014 - Dez. 2014/ Jan. 2015)

Categorias	Quantidades	%
Incivilidades	30	27
Violência Simbólica	27	25
Violência institucional	41	37
Bullying	12	11
Total	110	100

Nota: tabela elaborada pelos autores.

A Tabela 2 descreve as categorias de acordo com as ocorrências nas revistas pesquisadas durante o ano de 2014. O total do material pesquisado em todas as revistas deste ano foi o de 110 casos. A maioria das temáticas acerca das violências diz respeito aos casos de “violência institucional” (37%). O tema violência simbólica aparece com 25%, as “incivilidades” com 27% e o *bullying* com 11% do total.

Casos como de crimes violentos – tanto no ano de 2013, como no ano de 2014 - os quais geralmente estão amplamente estampados em jornais e revistas sensacionalistas são praticamente inexistentes nas revistas. Como dito, o público alvo da *Nova Escola* é o docente que atua no ensino fundamental e médio e o seu objetivo é o de trazer ou levar ao público novas práticas de ensino e tecnologias de educação. Na realidade, na maioria das revistas é fácil notar o conteúdo romântico, quase inacreditável das condições objetivas das escolas em todo o Brasil. As escolas, especialmente as públicas, são revestidas de uma potencialidade e importância que dificilmente se verifica no mundo real. Geralmente, as reportagens que buscam “boas iniciativas” no campo da educação retratam casos esporádicos, não generalizáveis e com experiências que certamente não perduram por muito tempo. Não ao acaso a Revista, pertencente ao Grupo Abril, em todo ano trata de premiar as melhores experiências. Lidar com a violência neste caso não parece nada animador. A temática é outra e o mundo deve ser outro.

## A ABORDAGEM ROMANTIZADA DA VIOLÊNCIA

A violência quando romantizada recebe a boa roupagem da autoajuda, a qual acaba “caindo como luva” diante do caos que perpassa a educação no Brasil. Essa romantização surge como uma narrativa onde, por exemplo, os conflitos são resolvidos mediante um ato heroico que, no caso de *Nova Escola*, é o educador. Neste sentido, a abordagem romântica da revista não se furta em mostrar o famigerado “deve ser”, “como lidar” ou “faça assim”, ou “tome cuidado”. Nos periódicos dos dois anos pesquisados são abundantes e até repetitivos os “conselhos” do “E agora Telma?”, uma das seções da revista. Vejamos:

## **BULLYING**

*É correto chamar as crianças por apelidos, em vez de pelo nome? Raimunda Aurisete Bezerra, Itapipoca, C*

É preciso observar se o aluno está confortável com a maneira como é chamado, Raimunda. Nem todo apelido deve ser evitado. Muitas vezes, a criança até prefere ser tratada daquela forma. Se não for esse o caso, aí, sim, cabe intervir. Alguns estudantes têm dificuldades de identificar os sentimentos do outro e, por isso, apelidos pejorativos são comuns. O professor não pode ser omissivo. Não se trata apenas de proibir, censurar ou dar sermões. É necessário um planejamento voltado à melhoria das relações interpessoais, ao convívio com as diferenças e ao respeito à dignidade. A questão pode ser tratada de diversas maneiras: rodas de conversa, assembleias, projetos, teatro e discussão de dilemas, filmes e livros. Atente também à forma como você trata a menina, evitando zombarias e nomes pejorativos.

*Revista 1/2 – Janeiro/Fevereiro 2013 – p. 24 (E agora Telma?)*

A página “E agora Telma?”, uma estudiosa do assunto e professora da UNICAMP, é uma das partes que mais acumulam os casos sobre violência e educação. Como se vê, ela trata tanto no ano de 2013 como no ano de 2014, de fatos, acontecimentos e casos gerais que são perguntados por professores que revelam suas angústias. O “vale tudo” presente nas respostas pode ser entendido como a necessidade de responder ao leitor, mas não deixa de ser um problema quando tratado como violência algo que aparentemente não é.

## **INDISCIPLINA**

*O que fazer quando os alunos se unem para atrapalhar a aula? João Honorato Filho, Montes Claros, MG*

Para lidar com essas situações, é preciso atuar na causa, e não nas consequências. Em vez de criar mecanismos de vigilância e controle para acabar com a agitação (consequência), vale discutir com os alunos os reais motivos desse comportamento, buscando identificar e corrigir o que vai mal (causa). Ouvir regularmente os estudantes, abrindo espaço para que se manifestem sem medo de represálias, permite compreender a escola do ponto de vista deles. Isso possibilita também que participem da construção de um ambiente melhor não somente em termos de atitudes, mas de aprendizagem e convívio. Assim, o ato disciplinar deixa de ser sinônimo de parâmetros elaborados por educadores e alunos para melhorar as atividades, a convivência e o trabalho com o conhecimento. A ideia é que a disciplina se torne objetivo, e não pré-requisito.

*Revista 4 – Abril 2013 – p. 26 (E agora Telma?)*

O “E agora, Telma?” está nas páginas das seções, o que explica a grande quantidade de “incivildades” nos anos de 2013 e de 2014. Aparentemente a autora retrata o que o senso comum já sabe através de outros mecanismos noticiosos e é claro que dificilmente um professor perguntará temas referentes à criminalidade violenta e, caso aconteça, é lícito pensar que a editoria da revista não ia se expor a tanto. A questão é que a violência em grande medida é lembrada por Telma em tom de autoajuda acreditando responder aos anseios dos professores.



## AGRESSIVIDADE

*Como agir com uma criança agressiva, que bate no professor?*

*Mayra Nicole Rodrigues, Campinas, SP*

Em geral, esse aluno é mais inseguro e tem dificuldade em regular seus impulsos quando frustrado, usando a agressividade como defesa. Portanto, o primeiro passo é fazê-lo se sentir querido e aceito, apesar de seu comportamento. Conhecê-lo melhor também ajuda a identificar os gatilhos dos ataques e, assim, agir para preveni-los. Se você perceber que ele bate porque se sente injustiçado, por exemplo, procure sempre explicar as regras de forma clara e aplicá-la com coerência. Trate todos com respeito e evite tomar partido em situações de conflito. Caso a agressão seja decorrente da dificuldade dele em realizar uma atividade, adeque o nível da tarefa e o acompanhe no processo. Durante as crises, não desvalorize ou recrimine os sentimentos da criança. Em vez disso, contenha-se e fale que você quer ouvi-la quando ela se acalmar. Também é essencial manter o autocontrole para que ela veja em você alguém capaz de ajudá-la. Na conversa, evite julgamentos, acusações e ironias. Sugira que pensem juntas em outras formas de ela mostrar o que quer ou sente, sem usar a agressão. Valorize as ocasiões em que o aluno estiver calmo passando momentos prazerosos com ele, com jogos e conversas. Se puder contar com a família, compartilhe com ela o que está sendo feito e sugira que leve colegas da criança para brincar em casa, pois a necessidade de manter a relação de amizade contribui para a autorregulação. Avalie a evolução dela para saber se a intervenção de um psicólogo é necessária.

*Revista 5 – Maio 2014 – p. 24 (E agora Telma?)*

Nesse abordagem romaneada dessa seção, há um esforço de convencer que o exercício da docência é um ato de heroísmo em cada decisão tomada no âmbito escolar. Daí um detalhe importante é que em geral, o “evite isso” e “aquilo”, “tente isso”, “tente aquilo”, “organize para”, sugerem propostas de prevenção e seguem o roteiro já antigo de que “eu avisei” numa clara redução do problema que é bem mais complexo. Certamente a professora tem ciência dos problemas, mas não deixa de fazer parte da industrialização de ações da mídia que banalizam temas e acontecimentos que são emergentes na sociedade. A autora, uma formadora de opinião, torna-se uma fonte viciada que reduz o tema da violência num mero processo de resolução de problemas criando um “guia passo a passo”. Atualmente a autora participa de artigo de página inteira na revista e aparentemente suspendeu as interrogações dos leitores.

Ainda nesta questão solta aos olhos a domesticação de ações sugeridas pela autora. Suas indicações aparentemente são generalizáveis e partem do pressuposto que em toda sala de aula temos os mesmos professores e estudantes. Essa fragilidade de informações, essa uniformização de casos, empobrecem o debate, alucinam professores e levantam esperanças para dias melhores. É a mídia, como vimos anteriormente, funcionando no campo simbólico, mas também coercitivo, pois atua na frágil relação entre professores e alunos que em tempos modernos perderam a razão da autoridade, do respeito e da educação como de fato ela é (BARROS; FREITAS, 2011).

A violência romantizada aparece também em matérias, notícias, entrevistas e imagens. Geralmente são descritivas, propositivas, avaliam o comportamento dos professores (raras vezes não os culpabilizando), dos discentes, de seus pais e da sociedade. A violência romantizada ainda desponta em relatos de superação, aconselhamentos, informações, dados publicados em segunda mão e relações multivariadas entre Estado, escola e sociedade. Nestes

questos os temas são variados e generalizantes. De todo material recolhido, destacamos os seguintes:

### **A Escola esqueceu que é melhor prevenir do que remediar**

Há duas alternativas possíveis para um aumento tão expressivo: a primeira, é o Brasil estar diante de uma epidemia repentina de transtornos de comportamento, que passaram a atingir crianças e jovens de 2009 para cá (o que não é verdade); a segunda (e mais provável), é que se tornou rotina tratar com remédio problemas que não são necessariamente de saúde. O TDAH é uma doença que atinge de 8% a 12% de crianças do mundo, mas nos últimos anos virou justificativa para o fracasso escolar. Muitos docentes e pais se satisfazem com o diagnóstico e veem no remédio o único meio para controlar um “aluno-problema”.

A comprovação aparece nos dados da Anvisa. Segundo o relatório, nos três anos estudados, o consumo de medicamentos caiu nos períodos de férias escolares (Julho, Dezembro e Janeiro).

*Revista 6/7 – Maio 2013 – p.18 (Educação em Debate)*

### **SEGURANÇA**

Uma menina cortou o cabelo bem curto porque estava com piolhos. Envergonhada, foi à escola de capuz. No recreio, os colegas tentaram arrancá-lo de sua cabeça, riram dela e a chamaram de “hominho”. Professores e gestores não fizeram nada. Ela começou a passar o intervalo sentada na porta da sala.

Estudantes de escolas livres de agressão física ou verbal e crimes têm desempenho melhor que os daquelas em que há violência. “A cada aumento em 1 unidade no índice de segurança, o resultado dos alunos de 5ª série e 9º anos na Prova Brasil 2009 subiu cerca de 1 ponto”, diz Raquel Rangel de Mereiles Guimarães, doutoranda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e uma das autoras de pesquisa sobre o tema.

Zelar pela segurança é também investir na qualidade das relações. “Às vezes, o que para o professor parece brincadeira entre amigos é um ataque para quem vive a situação”. Diz Luciene Tognetta. O educador não pode negligenciar agressões como relatada acima, pois elas tendem a gerar violências maiores. Além disso, em um ambiente respeitoso, os alunos aprenderão mais, pois se sentem tranquilos para participar da aula, sem o risco de serem ridicularizados.

*Revista 10 - Outubro 2013 – p. 42 (Reportagem)*

Percebe-se nesses relatos que o trato em torno da violência sem considerar as complexidades que circundam a questão e que muitas vezes a coloca resolução do problema em algo que o educador não dá conta por si mesmo. Ao reforçar o papel do professor e da escola como heróis que irão salvar as crianças do mau caminho, margeiam o problema e se propõe uma fórmula de fácil digestão, porém enganosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar como a temática das violências é representada nas publicações analisadas da Revista *Nova Escola*, percebeu-se que esse periódico tem uma abordagem reducionista e que beira ao senso comum. Ficou patente que o periódico ignora questões e categorias notórias nas ciências sociais e, ao oposto de outras mídias, os acontecimentos de violências recebem pouca relevância. Essa mímima relevância nada mais é em se tratar sem o mínimo de critério o fenômeno das violências no campo educacional e no espaço escolar. Embora não ouse usar um tom espetaculoso, é nítido que as notícias e os conselhos dados nesse periódico costumam ser pintados em cores romantizadas. Assim, a mesma investe na construção de um discurso que busca influenciar seus leitores – professores em sua maioria – ofertando saídas vendidas como fórmulas mágicas para a resolução desses conflitos.

De todo modo, a revista navega no sentido de padronizações de comportamento e de comunicação do que já é conhecido. Estes são os casos das “incivilidades” e da “violência institucional”. A primeira, muito comum nas escolas, dizem respeito aos conflitos, indisciplina, vandalismo e tensões nas salas de aula. O caminho percorrido pela revista é mais do que esperado e compreensível, haja vista a possibilidade de interação com o leitor e da famosa chave de busca de consumidores no estilo barato da autoajuda. Resulta deste empreendimento a utilização de “cientistas” e profissionais que respondem às demandas melancólicas dos leitores, ávidos por solução de problemas que fazem parte da natureza das salas de aula.

A Revista *Nova Escola* não deixa de ser um produto onde a educação é se torna objeto que se baseia em fórmulas milagrosas para a obtenção do sucesso para educadores ávidos em resolver situações limítrofes. A mercadoria vendida pela *Nova Escola* é nova, simpática e bela. Trata-se de um mundo pintado de várias cores e linguagens diferentes. Daí a revista ser muito apreciada pelos publicitários e anunciantes. Não seria fácil lidar com a violência nossa de cada dia na educação. Vender a violência para professores frágeis e carentes de reconhecimento por certo seria mais difícil e complexo. A revista navega no campo simbólico que fomenta um ideal de sacerdócio docente, dos professores salvadores de estudantes, de profissionais fortes e capazes de modificar a realidade. Todavia, ela sugere uma padronização de comportamentos o que explicaria a abordagem romântica ao se referir aos casos de violência como o *bullying*, ações de destruição do outro no campo simbólico, ou mesmo nas relações sociais violentas entre professores/professores, professores/alunos, alunos/alunos.

Finalmente, é lícito dizer que o “mundo encantado” estampado pela abordagem romantizada da Revista *Nova Escola* se alimenta do mal-estar cotidiano. Nela, a escola é limpa, têm cores, pessoas sorridentes, os professores são mais profissionais e capacitados, o mundo da educação rima perfeitamente com transformação e os estudantes possuem as mesmas oportunidades de participar da sociedade. A violência romantizada é o pão de cada dia da Revista *Nova Escola* a qual não deixa - em pouca medida na verdade - de revelar no campo das incivilidades, da violência institucional e simbólica, também variantes de uma violência conservadora. A *Nova Escola*, enfim, é o mecanismo perfeito da reprodução de uma realidade que a maioria dos sujeitos que participam do teatro da educação tem o desejo de participar e viver: um mundo no qual a violência não é normal e pode ser reduzida - diante de outros assuntos – a sua insignificância.

## THE ROMANTIZATION OF VIOLENCE IN THE *NOVA ESCOLA* JOURNAL

*Abstract: a discussion on "media, education and violence" undeniably share of changes that take place in schools. Analysis of the Nova Escola Journal representations operates in the sense of empirical verification of what "opinion makers" have understood as "violence" The article has an interest in understanding the representation that the vehicle communication builds on the "violence and education." The work of qualitative content is based on magazine issues published during the years 2013, 2014 and 2015 and had to analyze the reports, news, editorials, articles and interviews, as well as verify the representations of violence and education. The greatest interest was to identify the address of the journal throughout much of the teachers and teachers working in primary education, especially in elementary schools and shows that the magazine's approach reduces the problem of violence to manifest relations, addressing violence from a romanticized perspective.*

*Keywords: Media. Violence. Education. Nova Escola Journal.*

### Referências

- ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivências nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2009.
- ADORNO, Theodor. W. Os padrões da cultura de massa. In: CARDOSO, Fernando Henrique; MARTINS, Carlos Estevam. *Política e Sociedade*. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, SD. Volume 2. (O texto original é de 1954).
- AMADO, João. *A construção da disciplina na escola*. Suportes teórico-práticos. Porto: Edições ASA, 2000.
- BARROS, Lúcio Alves de; FREITAS, Débora Luiz Chagas de. Educação, escola e paradoxos no campo da violência. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 01, p. 1-12, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção*. Crítica Social do Julgamento. São Paulo: Ed. EDUSP; Porto Alegre: Ed. Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1992.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, v. 4, n. 8, 2002.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997. (O original é de 1967).
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 14. ed. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1990. (A primeira edição é de 1895).
- DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GUARESCHI, Pedrinho A. A realidade da comunicação–visão geral do fenômeno. *Comunicação e controle social*, v. 6, p. 13-22, 2000.

- LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo*. Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2005.
- MISSE, Michel. A violência como sujeito difuso. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Cândido; LEMGRUBER, Julita (Orgs.). *Reflexões sobre violência urbana*. (In) Segurança e (Des) Esperanças. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2006. p. 19-41.
- MORAES, Dênis de. *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006.
- SANTOS, Eliana Cristina Pereira. Imagético e Discursivo: Uma análise da capa da Revista Nova Escola. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 11, n. 7, p. 1-13, nov./dez. de 2009.
- SODRÉ, Muniz. *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Orgs.) *Cidadania e Violência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas; Ed. da UFRJ, 2000. p. 11-25.